



Heloísa e Abelardo: oscilação e contestação entre o corpo cristão e o corpo herético

Heloise and Abelard: oscillation and contestation between the christian body and the heretic body

Ged Guimarães¹
Veralucia Pinheiro²
Maria Regina de Lima Gonçalves Oliveira³

RESUMO

Neste artigo a questão central é debater os aspectos subjacentes ao tórrido romance vivido por Abelardo e Heloísa, transcorrido no final do século XII em Paris, período de extrema valorização espiritual e vigilância do corpo, no qual a mulher era vista como um ser fraco, carente e de natureza obediente; enquanto o homem, aquele que comanda.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo Cristão. Corpo herético. Insubordinação.

ABSTRACT

In this article the central question is to discuss the underlying aspects of the torrid romance lived by Abelardo and Heloísa, during the end of the XII century in Paris, a period of extreme spiritual appreciation and body surveillance, in which the woman was considered weak, needy and submissive; while the man, the one who commands.

KEYWORDS: Christian Body. Insubordination. Heretic Body.

* * *

¹ Pedagogo, Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, docente na graduação na Unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis e no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – PPG/IELT – Universidade Estadual de Goiás – UEG. Pesquisador da área de Filosofia da Educação.

² Doutora em Educação pela Unicamp/SP, docente na graduação na Unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis e no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – PPG/IELT – Universidade Estadual de Goiás – UEG. Pesquisadora das áreas de violência, juventude, Educação.

³ (***) Mestre em Educação Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. Professora da Rede Pública Municipal de Crixás- Go.

Introdução

Neste artigo não discutimos a obra, nem a importância de Abelardo e Heloísa, mas os aspectos subjacentes ao tórrido romance vivido por eles, bem como a posição questionadora de Heloísa em um período (final do século XII) de extrema valorização espiritual e vigilância do corpo, no qual a mulher é vista, segundo Le Goff e Truong (2006), como um ser fraco, carente e de natureza obediente; enquanto o homem, aquele que comanda. Encontramos em Heloísa, ao contrário, uma mulher contestadora da cristandade e seus valores, como a castidade e o controle da intimidade, além de conhecedora das questões filosóficas e literárias.

Sabendo-se do quão raro era o interesse e o acesso das mulheres às ciências, Abelardo sentiu-se imensamente atraído por Heloísa, conforme escreveu em *A história das minhas calamidades* (ABELARDO, 1979, p. 261): “De fato, quanto mais esta vantagem da ciência literária é rara entre as mulheres tanto mais servia de recomendação à mocinha e a tornara famosíssima em todo o reino [...] e a primeira pela riqueza dos seus conhecimentos”. Igualmente, Heloísa admira Abelardo pela sua capacidade e coragem de discutir filósofos não cristãos e citá-los em suas aulas, atitude incomum num momento de controle quase absoluto por parte da Igreja Católica que pouco admitia ser interrogada.

Ambos nutriam amor às questões intelectuais, mas logo o encantamento ganha o corpo inteiro e passam a agir não mais somente em nome de Deus⁴. Com as dificuldades decorrentes do romance, proibido a clérigos e professores, Abelardo e Heloísa oscilam entre a entrega aos desejos do corpo, e assumir tudo que dele decorre, como prover a casa e dela cuidar, e a vida dos intelectuais do século XII: a entrega à pregação, aos estudos e aos ensinamentos e, conseqüentemente ao celibato.

1 Idade média: a igreja e sua concepção de corpo

⁴ Dado o período tratado aqui, agir em nome de Deus seria deixar-se sujeitar. Colocar o amor ao catolicismo acima dos sentimentos humanos e sacrificar esse sentimento em favor da igreja, servindo-a e sujeitando-se a todos os seus dogmas sem nenhum tipo de contestação ou questionamento.

Culturalmente, a Idade Média⁵ foi um período de extrema valorização espiritual e, com a mesma veemência, ou talvez até mais cuidadosamente, de controle do corpo, definido por Gregório Magno como “abominável roupagem da alma” (apud FRANCO JÚNIOR, 1988, p. 162). Essa máxima pressupõe, ao mesmo tempo, a regulação, a normatização e a possibilidade da punição dos desobedientes que, sob a tutela da Igreja, deveriam se redimir do pecado original. A culpa inicial recai sobre a mulher, porque é ela – na figura de Eva – quem primeiramente desobedece, expressando a fragilidade ante a tentação vinda de fora, já que a palavra sagrada lhe dizia para escutar a Deus, criador de tudo, e a Adão, aquele do qual havia sido retirada uma parte para dar-lhe a vida, e ao qual deveria servir.

Se essa era a imagem simbólica da mulher e da qual dificilmente escapava, não menos opressiva ou marginal estava a sua vida cotidiana. Para Araújo e Guimarães (2018, p. 336), os espaços sociais são masculinos:

É o homem que cria a necessidade da guerra, é ele que luta, vence, se fere e morre. É ele que vai às reuniões das corporações, procura a melhor forma de produzir, circular e encontrar um valor mais lucrativo para os seus produtos. É ele que funda a universidade e torna-se o seu professor. É ele que edifica a igreja, pinta os afrescos. É ele que, de simples capelão, pode chegar ao papado. Em outro plano ele é escravo, servo, homem de negócios, senhor, rei.

Às mulheres resta a reclusão ao ambiente privado da casa, onde deveriam se dedicar às tarefas que lhes eram próprias, como cuidar, limpar, procriar. Se esse é um lado, indubitavelmente preponderante, de outro, como afirma (Duby, 2001, p. 111), elas também guardavam o “governo dos segredos mais misteriosos da vida, que tocam no nascimento, na morte”.

Em Le Goff e Truong (2006), vemos que as mulheres eram, principalmente nos aspectos relacionados ao corpo, mais controladas e vigiadas do que os homens, pois eram compreendidas como fracas e carentes e, portanto, mais *susceptíveis* aos pecados. Elas não eram “nem o equilíbrio nem a completude do homem” (p. 52), mas, sendo fracas, necessitavam da proteção masculina.

⁵ A Idade Média é constituída por um longo período. O seu início está no século V e se estende até meados do século XV. Para o âmbito deste artigo nos situamos no final do século XII e início do século XIII, período em que viveram Pedro Abelardo e Heloísa. (Cf. FRANCO JR., 1998, p. 9 – 21).

Bloch (1995, p. 339), ao falar sobre a misoginia medieval, a associa

[...] a uma desconfiança dos sentidos, pois se a mulher está associada à sensualidade, torna-se uma ameaça à razão, ou seja, cria-se uma oposição entre feminino e masculino que relega o feminino ao lado inferior – do corpo, dos sentidos, do temporal e do mundano –, em contraste com o masculino que assume o lado superior: do espírito, da mente, da forma e da divindade.

Se por um lado, os valores indicam que a mulher deve ser pura, tendo a virgem Maria como referência para as suas ações, por outro há o que pulsa nela enquanto mulher e move o desejo masculino. Essa contradição, também compreendida como o paradoxo da perfeição (BLOCH, 1995), faz com que a mulher oscile entre a cândida Maria e a pecadora Eva (ARAÚJO; GUIMARÃES, 2018). O prazer do corpo, sobretudo do corpo feminino, expressa a imperfeição, o lado inferior dos humanos. Logo, aqueles que desejassem manter relações sexuais não condenáveis aos olhos de Deus, deveriam recorrer ao matrimônio. Entretanto, mesmo aos casais, isto é, àqueles que se uniam perante a Igreja, eram impostos algumas regras de “uso do corpo”. Eles deveriam continuar considerando o corpo como vestimenta da alma, mantendo relações sexuais, por exemplo, somente em dias indicados e regulados pela Santa Igreja (LE GOFF; TROUNG, 2006). Assim, no âmbito dessa regulação, o amor conjugal, com fins delimitados e precisos – a procriação – pretende a sobreposição ao prazer.

Dentre as armadilhas postas pelo demônio não há nenhuma pior do que o uso imoderado dos órgãos sexuais. A Igreja entende que o casamento poderia conter essa desmedida, e então o adota, o institui [...] mas com a condição de que sirva para disciplinar a sexualidade, para lutar eficazmente contra a fornicção (DUBY, 2011, p. 18).

Mas, como toda tentativa de controle pressupõe a presença do descontrole ou da sua iminência, na emergente vida urbana os homens ficam vulneráveis às desmedidas inerentes ao corpo. Se no campo a presença do pároco local reúne melhores condições para saber quem contraria as normas estabelecidas, na cidade, ao contrário, o descontrole é iminente. Segundo Duby (1988, p. 61), a cidade é o

lugar onde os homens reunidos deixam aparecer o que há de pior neles mesmo, conforme os princípios da Igreja.

[Ela] é, para o moralista da catedral, lugar da perdição. Dizem-na viciada pela cupidez, pela glotonaria e pela luxúria. É de fato um lugar de prazer, e todos os cavaleiros sonham prolongar sua estada aí. A alegria de viver caminha a par e par com a extrema indignação: nos muros, à espera daquilo que se distribui, daquilo que se joga fora, daquilo que se pode furtar, pequenos ganhos que se conseguem fazer nos interstícios das atividades honoráveis, vêm amontoar-se, com efeito, a massa dos desvalidos do crescimento, dos aleijados, dos migrantes, dos pobres.

Esse *lugar da perdição* puxava os homens para baixo, parecendo governados por uma força maligna. A Igreja atribui essa força ao diabo, que toma conta dos homens jogando-os num precipício ainda maior, absorvendo-os na cobiça, na luxúria, na heresia e em tudo que foge à lógica santificada. Mas, se o diabo assume essa dimensão, e se o clero definia quem era o virtuoso e o pecador, então parece que a Igreja, ao intensificar a culpa no homem, por assim dizer, acaba aumentando a importância do diabo e, para combatê-lo, convoca os pecadores para remissão dos pecados em busca do encontro com o bondoso Deus.

A encarnação do mal, ou melhor, do diabo, não se dá primeiramente no homem, mas na mulher, por meio da Eva que “a um só ato peca duas vezes, pois leva o homem a acreditar nela [...], e porque manifesta a vontade de comandar” (ARAÚJO; GUIMARÃES, 2018, p. 342). É Eva, pois, a representante do diabo. É ela quem questiona, desobedece e não se submete à autoridade sagrada, expressando o perigo que pulsa no corpo feminino, atraindo e cegando os homens. Ela é, portanto, um *modelo* que não deve ser seguido, pois expressa o mal que deve ser evitado.

Frente a isso, as pessoas, principalmente as mulheres, são “incitadas” a conduzir suas vidas com base nos preceitos da Igreja por dois temores principais, a saber, o temor a Deus – aquele que condena ao inferno se o pecador não passar na prestação de contas no juízo final – e, no plano imanente, os castigos provenientes das normas cristãs, como as penitências e os martírios, julgados já

nos primeiros tribunais da Igreja Católica em 1022 na França, sem falar no “Tribunal do Santo Ofício” – a inquisição⁶ – que se instalava em toda a Europa.

Com o medo disseminado nesses planos da vida, a Igreja buscava controlar a possível contestação do fiel e do leigo e, de modo mais intenso, as mulheres (FRANCO JR., 2006). Esse controle tinha em Cristo e Maria os símbolos de pureza, além da vida dos santos como expressão da castidade. Para evitar uma vida sem muitos riscos, o casamento, “um dos sacramentos”, torna-se quase uma obrigação para os homens comuns, uma forma de conter os pecados da carne.

2 Heloísa e Abelardo

É nesse universo que viveram Pedro Abelardo e Heloísa de Paráclito. Ele, como filósofo e teólogo que era, deveria seguir as normas⁷ da igreja, sobretudo em suas aulas, além das interpretações filosóficas e teológicas autorizadas pelo clero. Abelardo se portava de modo contestador e muito próximo de seus alunos, o que, de certa forma, rompia com o distanciamento exigido entre aquele que ensina e aquele que aprende⁸. Se na forma de ensinar havia contestação, não menos contestador era o conteúdo de suas aulas, ao trazer filósofos pagãos como Platão e Aristóteles sem o crivo da igreja.

Heloísa⁹, preparada para cumprir as obrigações próprias de uma mulher, como o casamento ou a congregação, já na Abadia, onde estudara, dedicava-se a estudos filosóficos, literários e teológicos, disposição incomum às mulheres de seu tempo. Esse comportamento inquieto a faz conhecida e referência de um comportamento inadequado às *boas moças*. Se esse era um negativo conceito atribuído às mulheres, Abelardo, logo no primeiro encontro se deixa levar pelo encantamento, igualmente correspondido por ela. Mas, fiel às normas da Igreja e

⁶ Cf. (GONZAGA, 1994, P. 92 – 158). Este autor, nos capítulos correspondentes às páginas referidas, recorre às relações sociais que antecedem o Tribunal do Santo Ofício, além de destacar o modo como atuava a Inquisição entre os séculos XII e XV.

⁷ É importante mencionar que, em alguns aspectos, ele se destacava mais que o corpo clérigo e seu posicionamento foi por vezes questionado, haja vista sua popularidade e forma descontraída de se relacionar com seus alunos.

⁸ Lembramos que no tempo em que viveu Heloísa as questões do mundo da cultura eram essencialmente masculinas, restando às mulheres o espaço privado da casa, com as suas respectivas obrigações.

⁹ Heloísa é sobrinha de um cônego que exige rigorosamente o cumprimento dos preceitos religiosos; logo, esse posicionamento de seu tio poderia curvá-la à subserviência e ao acatamento dos moldes do catolicismo, mas, contrariamente, ela se mostra questionadora e não se submete a tais dogmas.

na condição de professor, um celibatário, resiste às provações no que concerne ao desejo físico, até não conseguir mais delimitar o que era da alma e o que era do corpo. Esse limite, rompido, torna-se parte das suas calamidades¹⁰.

Segundo (Le Goff, 1993), na carta *A história das minhas calamidades*, Abelardo revela o sofrimento vivido já no início de seu ofício de professor, enormemente ampliado após conhecer Heloísa e por ela se apaixonar.

Vemos na carta *A história das minhas calamidades* – uma espécie de consolo a um amigo com problemas – que o sofrimento enfrentado por Abelardo se dá já no início de seu trabalho, apenas ampliado após conhecer Heloísa e se apaixonar por ela, vista como aquela que interrompeu sua glória (LE GOFF, 1993).

3 Heloísa contestadora

Abelardo, mesmo na condição de pecador, isto é, envolvido pelo amor que sentira por Heloísa, manteve-se firme em seus propósitos e, de certa forma, até mesmo complacente com os desígnios religiosos. Em outras palavras, lhe incomodava o fato de que quanto mais próximo de Heloísa estava, mais distante ficava de sua atividade como expositor, conforme escrito por ele:

E quanto mais essa volúpia me dominava, tanto menos eu podia consagrar-me à filosofia e ocupar-me da escola. Para mim era muito aborrecido ir à escola ou nela permanecer, como era, igualmente, muito difícil para mim ficar em pé, enquanto dedicava as vigílias noturnas ao amor e as horas diurnas ao estudo. As aulas, então, tinham em mim um expositor negligente e indiferente, de tal modo que eu já nada proferia servindo-me do engenho, mas repetia tudo mecanicamente, e já não passava de um repetidor dos meus primeiros achados e, se fosse possível ainda achar algo, seriam versos de amor e não de filosofia (ABELARDO, 1979, p. 263).

¹⁰ Esse romance medieval ganhou as telas do cinema no filme “Em nome de Deus” divulgado em 1988, com base na carta autobiográfica de Abelardo – *A história das minhas calamidades* (ABELARDO, 1979). Ele chama de calamidade não somente o interrompido relacionamento com Heloísa, mas a todas as perseguições religiosas sofridas por ele. Cf. também (LE GOFF, 1993, p. 39 – 41).

Ele se sente em dívida com seus alunos e por isso se questiona quanto a seu comportamento, entendendo-o como pecado, dado seu compromisso com a igreja e ao ensino. Heloísa, ao contrário, não sente culpa por amar, não vê pecado em seu relacionamento com Abelardo, mas não o quer para si em matrimônio ao afirmar: “que relação pode haver entre estudantes e criadas, escrivainhas e berços, livros ou tabuinhas de escrever e uma roca, estiletes ou penas e fusos?” (ABELARDO, 1979, p. 266). Os abastados – segundo ela – conseguem conciliar bem a situação, porque podem ter uma vasta residência e uma quantidade suficiente de criados, o que não era o caso de Abelardo.

Segundo Abelardo, Heloísa é uma mulher muito à frente de seu tempo quando afirma: “De fato, quanto mais esta vantagem da ciência literária é rara entre as mulheres tanto mais servia de recomendação à mocinha e a tornara famosíssima em todo o reino”. (ABELARDO 1979, p. 261). Ele reconhece nela uma característica rara entre as mulheres, a saber, o interesse e a oportunidade de se inteirar da literária e da filosofia, coisas concernente apenas aos homens.

Ao ter o romance descoberto pelo cônego Fulberto (tio de Heloísa), Abelardo propõe casamento. Ela não concorda de imediato com o pedido, considerando os riscos para a atividade de seu amado que, de acordo com a igreja, deveria manter-se casto; como se vê nas palavras dele: “ela também indagava que glória ia tirar de mim, uma vez que esse casamento me acabaria com o prestígio e humilharia igualmente tanto a ela como a mim” (ABELARDO, 1979, p. 265).

Em *Os intelectuais da Idade Média* de Le Goff (1993), vemos um texto escrito por Heloísa no qual ela pressiona Abelardo a renunciar a ideia de casamento proposta por ele, tendo como argumento principal o fato de que seu professor e amante poderia não conseguir conciliar uma vida de “casado” com a de mestre/expositor:

Quem deve ficar absorto nas meditações teológicas ou filosóficas, poderia suportar os gritos e choros de bebês, as cantigas de embalar das amas-de-leite, a multidão ruidosa de domésticos machos e fêmeas? Como tolerar as sujeiras que fazem constantemente as crianças pequenas? Os ricos o podem, porque têm um palácio ou uma casa suficientemente grande para se isolarem, sua opulência não se ressentir das despesas, não são cotidianamente crucificados

pelas preocupações materiais. Mas essa não é a condição dos intelectuais (filósofos), e estes, tendo que se preocupar com o dinheiro e as dificuldades materiais, não podem se entregar ao seu ofício de teólogo ou de filósofo (LE GOFF, 1993, p. 43).

Ao casar-se, o expositor seria prejudicado grandemente em suas atividades, não só pelo julgamento e a não permissividade da Igreja, mas pelo fato de não conseguir conciliar seus dois desejos. Ao contrário de seu amado, Heloísa é contestadora nesse âmbito, pois se posiciona de forma contrária ao casamento desde a primeira proposta de Abelardo, alegando, além do exposto, que “um filósofo nascido para o mundo inteiro, um clérigo que pertence à Igreja, não tem o direito de se envolver nos laços do casamento” (GILSON, 2007, p. 50). Apesar disso, ele decide pelo casamento.

Considerando o período medieval como sinônimo de dominação religiosa e de controle dos desejos, sobretudo, aqueles provenientes de pessoas que não haviam contraído matrimônio, percebe-se em Heloísa uma resistência àquilo que se entendia por obrigatório, conferindo-lhe uma contestação pulsante, o que a faz ser compreendida pela Igreja como uma pessoa possuída pelo espírito demonizado de Eva, a ser silenciado. Mas, inteiramente senhora de seus desejos, se posiciona contrariamente à religião, aos homens (representado por Abelardo e por seu tio) e até mesmo de Deus. Podemos dizer, sem riscos de anacronismos, que ela demonstra um posicionamento equivalente aos ideais feministas, porque contesta a “objetificação”, a dominação religiosa, a tomada de decisões sobre a vida da mulher a revelia, de seus desejos e vontades. (STUDART, 1974). Ao refutar as ideias de submissão e acatamento, ditas como naturais às mulheres, Heloísa se posiciona como um ser social, capaz, portanto, de dirigir a própria vida e assumir os riscos dessa deliberação.

4 Corpo cristão *versus* corpo herético

Em decorrência dos dogmas cristãos, Heloísa e Abelardo por diversas vezes contestam seus próprios sentimentos. Ambos se sentem ora felizes e realizados nesse amor, ora pecadores e indignos de amar; ora com força para enfrentar o clero,

ora com sentimentos de não permissividade. Vivem, em outras palavras, uma oscilação entre o corpo cristão e o corpo herético.

Já nos primeiros encontros, o casal, morando sob o mesmo teto¹¹, e com a “desculpa do ensino”, entrega-se à paixão. Nas palavras de Abelardo (1979, p. 262),

nós nos entregávamos inteiramente ao amor, e o estudo da lição nos proporcionava as secretas intimidades que o amor desejava. Enquanto os livros ficavam abertos, introduziam-se mais palavras de amor do que a respeito da lição, e havia mais beijos do que sentenças; minhas mãos transportavam-se mais vezes aos seios do que para os livros e mais frequentemente o amor se refletia nos olhos do que a lição os dirigia para o texto.

Esse entrelaçamento amoroso e intelectual era impossível aos dois apaixonados, visto pertencerem a universos diferentes: ela educada para um possível casamento; ele um celibatário a serviço da Igreja. Mas, a despeito dessas designações próprias do tempo, a dimensão do corpo altera a norma e, a palavra e o gesto, oscilam entre o sagrado e o herético. O próprio Abelardo diz: “comecei a afrouxar as rédeas às paixões, eu que antes vivera na maior continência” (ABELARDO, 1979, p. 260). Igualmente, a “mocinha” pela qual se apaixonara também se manteve *pura* até o intenso romance, e isso fez com que ambos se sentissem em sua primeira queda (GILSON, 2007), em sua primeira experiência amorosa:

Nenhum grau do amor foi omitido por nós dois apaixonados, e tudo o que o amor pôde imaginar de insólito foi acrescentado e, quanto menos tínhamos experiência dessas alegrias, tanto mais ardentemente nelas nos demorávamos e tanto menos nos cansávamos disso (ABELARDO, 1979, p. 263).

¹¹ Abelardo se muda para a casa de Fulberto, tio de Heloísa, e onde também morava a sobrinha. Essa mudança uniu dois interesses: o do tio que, em razão da influência de Abelardo, poderia lhe trazer algumas vantagens, já que era soberbo; e os de Abelardo e Heloísa, que não conseguiam ficar longe um do outro.

Na linha do patriarcado e conforme a misoginia que arrasta o universo masculino ao longo da história, Heloísa é compreendida como a responsável pela “perdição” de Abelardo, pois, se não o levou a abandonar a sua brilhante carreira de professor e teólogo, causou-lhe dor e sofrimento. Seguindo o *sopro da demoníaca Eva*, por assim dizer, e sabendo que ele era um intelectual, ela o seduz aproveitando-se da polidez adquirida no Convento¹² e do artifício contestador que lhe era próprio, já revelado nessa casa religiosa. Se essa era uma tácita percepção da mulher no século de Heloísa, Abelardo é também um homem desse século e, por mais que suas ideias estivessem à frente desse tempo, é *tomado* pelo “ardor de um iniciante”, e talvez Heloísa, a princípio, tenha representado para ele apenas a materialidade da luxúria e do orgulho em “uma ocasião cômoda demais para deixá-la escapar” (GILSON, 2007, p. 31 – 32).

Entretanto, segundo Gilson (2007, p. 32), quando Abelardo a conhece “ela já supera há muito, por conta de sua ciência, todas as mulheres de seu tempo [... e] já era célebre em toda a França antes mesmo de conhecer pessoalmente Abelardo”. Em outras palavras, sua glória não se justifica pelo seu relacionamento com o expositor.

Assim, por que Heloísa é vista como a perdição de Abelardo? E por que ela é vista somente como aquela que foi esposada por ele?

De acordo com Le Goff e Truong (2006, p. 11), uma das principais tensões da civilização medieval é aquela entre o corpo e a alma. Dessa forma, “o corpo é desprezado, condenado, humilhado. A salvação, na cristandade, passa por uma penitência corporal”, a “abstinência e continência estão entre as virtudes mais fortes” e a “gula e a luxúria são os maiores pecados capitais”. Isto significa dizer que um corpo puro representa uma alma pura, e um corpo libidinoso representa uma alma libidinoso, pecadora, imunda, que deve ser punida.

Ter um corpo cristão nesse período é equivalente a abster-se dos anseios carnis e submeter-se aos anseios celestiais, dado que “o pecado original, fonte da desgraça humana, que figura no Gênesis como um pecado de orgulho e um desafio do homem lançado contra Deus, torna-se na Idade Média um pecado sexual” (LE

¹² Este convento ficava em Argenteuil, pequena cidade próxima a Paris.

GOFF; TRUONG, 2006, p. 11). Pecar é sinônimo de fornicação, e a mulher é a desgraça e o desvirtuamento, é a perda e o fracasso, é a ingloria do homem casto.

O corpo é, portanto, tanto a salvação, quanto a perdição. Abelardo, que até então não “sujara sua alma” pelo pecado da fornicação, se entrega ao desejo, compromete sua alma à punição eterna. Ele, como teólogo e filósofo abstinido dos prazeres sexuais, entregou-se a uma tentação. Heloísa, sendo mulher, é aquela que deveria resistir, tomar as rédeas da situação, não se deixar seduzir e não se entregar à tentação, conforme ensina a Igreja, tendo a vida dos santos e das santas como exemplo.

Reitera-se a isso o fato da concepção de corpo da Idade Média consistir em um constante paradoxo entre a repressão e a glorificação:

Por um lado, o cristianismo não cessa de reprimi-lo. “O corpo é a abominável roupa da alma”, diz o papa Gregório, o Grande. Por outro, ele é glorificado, sobretudo por meio do corpo padecente de Cristo, sacralizado na Igreja, corpo místico de Cristo. “O corpo é o tabernáculo do Espírito Santo”, diz Paulo. A humanidade cristã repousa tanto sobre o pecado original – transformado na Idade Média em pecado sexual – quanto sobre a encarnação: Cristo se faz homem para redimir os homens de seus pecados. Nas práticas populares, o corpo é contido pela ideologia anticorporal do cristianismo institucionalizado, mas resiste à sua repressão (LE GOFF; TROUNG, 2006, p. 35).

Para os dois historiadores, “essa oscilação tem a ver, provavelmente, com o lugar central que o corpo ocupa no imaginário e na realidade da Idade Média” (LE GOFF; TROUNG, 2006, p. 35). Nessa mesma direção caminham Heloísa e Abelardo, sobretudo o último, dado que ele, em certos momentos, sente-se realizado no amor e nos desejos carnis e, em outros momentos, sente-se subjugado e pecador.

Nesse sentido, para Abelardo o casamento – embora sigiloso – resolveria a vergonha sofrida, a culpa sentida e, sobretudo, ofereceria a Fulberto¹³ honra. Em *Heloísa e Abelardo*, Gilson (2007) busca compreender o significado desse enlace

¹³ Fulberto era Cônego da Igreja, tio de Heloísa e seu tutor.

para a carreira de Abelardo¹⁴; concluindo que na verdade não havia motivos concretos para associar o matrimônio ao fim da glória de Abelardo; porém, assim como ele próprio atesta, “o estado de casamento se assemelhava fortemente a uma decadência”. Ou seja, a perda da glória que ele tanto temia seria, certamente, a “queda da moral que constituía o casamento de um clérigo” (GILSON, 2007, p. 40).

Atentando-nos às especulações relacionadas à união matrimonial sigilosa de Heloísa e Abelardo, Gilson (2007), nos mostra caminhos que podem tanto induzir à ideia de ambição por parte do professor e sacrifício por parte de Heloísa, uma vez que na proposta de casamento havia a condição de que ele permanecesse em segredo. Isso os jogavam na incerteza, pois, conforme escreve Heloísa em uma de suas cartas, ambos não tinham posses para manter uma casa e um casamento se, por acaso do destino, Abelardo não pudesse mais ensinar¹⁵. São, na verdade, riscos que os amantes pareciam não estarem dispostos a correr. Oscilam entre a vida cristã e a vida herege. São vistos como cristãos quando servem à Igreja e a ela se submetem e, como hereges, quando os valores do cristianismo são “esquecidos” ao fazerem “mau uso do corpo”.

Percebemos, portanto, que Abelardo foi “pego” pelo que é humano – o amor, a paixão, o encantamento, a sensibilidade, a inteligência – reunido numa só pessoa, em Heloísa. O mesmo acontece com ela, que sentira o mesmo por ele. Vivem esse dilema: serem fiéis ao dogma de seu tempo (censura, amarras, preconceito, repressão ao prazer) ou a si mesmos. Oscilam entre esses dois universos e são duramente castigados: Abelardo no corpo¹⁶ mutilado e na alma, Heloísa na alma e no próprio corpo *entregue* a Abelardo.

Considerações finais

¹⁴ De acordo com Gilson (2007, p. 38), “[n]o século XII, todo professor de filosofia, e com muito mais razão de teologia, era um clérigo”.

¹⁵ Conforme afirma-nos Gilson (2007, p. 41) “o dinheiro que ele ganhava vinha antes de seus numerosos alunos que de alguma outra fonte. É somente mais tarde, tendo se tornado monge, que ele recusará aceitar dinheiro de seus ouvintes no Paraclete”.

¹⁶ De acordo com Abelardo (1979), em *A história das minhas calamidades*, sua castração foi consequência da inveja e da vingança do cônego Fulberto. Após essa violência no seu corpo, Abelardo se torna monge e acredita estar vivendo as consequências de seus atos pecadores: “[e], por justo juízo de Deus, eu fora castigado naquela parte do meu corpo em que eu pecara, e como por uma justa traição aquele que eu antes atraíçoa me deu o troco por sua vez [...]” (ABELARDO, 1979, p. 269-270).

Sob a ótica cristã medieval, Heloísa e Abelardo viveram em pecado com sofrimento e renúncia. Compreendendo os efeitos de seus relacionamentos e sentindo a culpa e o peso em seus corpos e almas, tornaram-se monges, abstendo-se, de acordo com seus escritos, dos desejos que antes os dominaram (ABELARDO, 1979) e, por força da história de suas *calamidades*, provocaram questionamento nos dogmas sob a tutela da Igreja Católica. E se Abelardo contribuía para esse fim, a participação de Heloísa fora mais intensa e a prova, por assim dizer, está na definição dada a Heloísa por parte dos clérigos como sendo a responsável pela derrocada de Abelardo, um homem puro e casto até a sua aparição.

O temor e a culpa, intrinsecamente relacionados, faziam com que o corpo fosse visto como veste da alma e, para minimizar a sua importância, deveria obedecer e seguir as normas para que a alma não fosse eternamente punida.

Mulher diabolizada; sexualidade controlada; trabalho manual depreciado; homossexualidade no princípio condenada, depois tolerada e enfim banida; riso e gesticulação reprovados; máscaras, maquiagem e trajes condenados; luxúria e gula associados... O corpo é considerado a prisão e o veneno da alma. À primeira vista, portanto, o culto do corpo da Antiguidade cede lugar, na Idade Média, a uma derrocada do corpo na vida social (LE GOFF; TROUNG, 2006, p. 37).

A mulher, compreendida como expressão do diabo, deveria ser rigorosamente vigiada, posto que seu corpo induz ao pecado, se estiver à margem dos ensinamentos da Igreja. Governada pelo diabo, ela representava a tentação que rodeava os homens, os tornando fracos e sedentos.

Ao mesmo tempo em que devesse ser submissa, ela deveria também ser o esteio do lar, além de se manter pura para aquele que a escolhesse para ser esposa e mãe. Esperava-se da mulher somente complacência e sujeição, principalmente daquelas “criadas” em Conventos ou em Abadias, como foi Heloísa desde tenra idade.

Heloísa contraria os desígnios de sua formação ao questionar os dogmas religiosos, não se sujeita a todos eles, tendo, inclusive, se voltado contra estes quando dos “impedimentos” de sua felicidade ao lado de Abelardo. Se o tempo lhe

atribuiu a pecha pelo desvirtuamento de Abelardo, a culpa não lhe pertence, mas à Igreja com seus preceitos, e às pessoas do tempo por aceitarem os valores instituídos sem qualquer espécie de interrogação.

Percebemos em Heloísa um inconformismo à frente de seu tempo, uma mulher que rejeita a vida de uma simples cristã, que assume para si mesma o modo da virgem à espera de um marido e assim sem a culpa de um segundo pecado. Ao entregar-se a Abelardo, ao amor “ilegítimo”, aos olhos da Igreja, põe-se à margem dos dogmas e das imposições da época, preferindo o título de amante ao de esposa. Ela age conforme o entrelaçamento amoroso e intelectual, e não em nome de Deus, mesmo que por meio de cartas, e assumindo o que se pode chamar de corpo herético.

Referências

ABELARDO, P. *Os Pensadores*. Trad. Ruy Afonso Costa Nunes. São Paulo: Victor Civita, 1979.

ARAÚJO, M. M. M.; GUIMARÃES, G. O feminino e o paradoxo da perfeição. *Revista Plurais – Virtual*, Anápolis-Go. vol. 8, n. 2 – mai./ago. 2018, 2018.

GONZAGA, J. B.: *A inquisição em seu mundo*. São Paulo: Saraiva, 1994.

BLOCH, R. H. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: 34, 1995.

DUBY, G. *A Europa na Idade Média*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Eva e os padres*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Idade Média*. Idade dos homens. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo. Cia. das Letras, 2011.

Em nome de Deus. Direção: Clive Donner. Inglaterra e Iugoslávia. Produção: Andros Epaminondas, Simon MacCorkindale e Susan George, 1988. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xVqRQ2FR-no>>
Acesso em: 20 de jan. 2019.

FRANCO JÚNIOR, H. *A idade média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *A idade média: nascimento do ocidente*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GILSON, É. *Heloísa e Abelardo*. Trad. Henrique Ré. São Paulo: Edusp, 2007.

LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LE GOFF, J.; TRUONG, N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

STUDART, H. *Mulher: objeto de cama e mesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

Recebido em Novembro de 2019.
Aprovado em Julho de 2021.